



Ocnos: Revista de Estudios sobre Lectura

ISSN: 1885-446X

cepli@uclm.es

Universidad de Castilla-La Mancha
España

Pires, Natividade

Leituras das crianças no séc. XXI: que lugar para os Contos de Grimm?

Ocnos: Revista de Estudios sobre Lectura, núm. 9, 2013, pp. 107-120

Universidad de Castilla-La Mancha

Cuenca, España

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=259126460006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

FECHA DE RECEPCIÓN:

29/01/2013

FECHA DE ACEPTACIÓN:

29/04/2013

ISSN: 1885-446 X

ISSNe: 2254-9099

PALABRAS CLAVE

Contos tradicionais;

Desenvolvimento moral e social;

Papéis sociais e de género.

KEYWORDS

Folktales; Moral and social

development; Gender and social

roles.

NATIVIDADES PIRES

e-mail: natcpires@sapo.pt

Leituras das crianças no séc. XXI: que lugar para os Contos de Grimm?

Children's readings in the 21st century: which place for the Grimm's tales?

NATIVIDADE PIRES

Instituto Politécnico de Castelo Branco

RESUMEN

Neste texto pretende-se refletir sobre o impacto dos contos dos Irmãos Grimm no imaginário das crianças da sociedade contemporânea. Esta reflexão baseia-se na análise dos dados recolhidos junto de crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico, durante o ano letivo de 2011-2012. Faz-se uma análise das representações dos papéis sociais das personagens ao nível do género e do poder no microcosmos reproduzido em alguns contos, problematizando as dinâmicas estabelecidas, e tentando compreender como reagem as crianças do séc. XXI aos modelos de comportamento e à magia que percorre estes contos tradicionais.

ABSTRACT

In this paper we intend to reflect on the impact of the Grimm Brothers' tales on contemporary society children's imagination. The analysis results from the data collected from children attending primary education during the academic year 2011-2012. We analyse the representations of the characters' social roles in terms of gender and power in some tales' social relationships, questioning the established dynamics, trying to understand how children of the 21st century react to behaviour patterns and to the magic that exist in these tales.

Cómo citar este artículo:

Pires, N. (2013). Leituras das crianças no séc. XXI: que lugar para os Contos de Grimm? *Ocnos*, 9, 107-120. Recuperado de <http://www.revista.uclm.es/index.php/ocnos/article/view/230>

Introdução

A recorrente dualidade tradição-modernidade que na sociedade atual se manifesta tem uma expressão significativa na renovação do interesse pelos contos tradicionais, em vários contextos (da literatura aos media, implicando vertentes de investigação, frequentemente com abordagens interdisciplinares, vertentes didáticas, lúdicas, estéticas, publicitárias...). Abordam-se em particular, neste texto, alguns contos recolhidos pelos Irmãos Grimm e o seu impacto no imaginário das crianças da sociedade contemporânea. Fizemos uma análise das representações dos papéis sociais das personagens ao nível do género e do poder no microcosmos reproduzido em alguns contos, problematizando as dinâmicas estabelecidas.

Apresenta-se a análise dos dados recolhidos junto de crianças do 1º Ciclo do Ensino Básico, durante o ano letivo de 2011-2012¹, quanto à forma como elas encaram as situações narradas nos contos selecionados e quanto à maneira como elas próprias tentariam resolver os conflitos presentes.

Articulando estas vertentes de análise apresentar-se-á uma reflexão sobre o potencial dos *Contos dos Irmãos Grimm* para o desenvolvimento da consciência do respeito pela diferença e o respeito pelo “outro”, ainda que a partir de narrativas muitas vezes fortemente estratificadas ao nível dos vários tipos de poder. Selecionámos contos que permitam problematizar estereótipos mais correntes, tentando compreender como reagem as crianças do séc. XXI aos modelos de comportamento e à magia que percorre estes contos tradicionais.

Método e resultados

Selecionámos sete contos que integraram o estudo empírico sobre algumas representações da magia e dos papéis femininos e masculinos neles presentes e a forma como crianças do 1º ciclo de escolaridade a eles reagem em pleno séc. XXI.

Nesta seleção de contos existiu uma dificuldade prévia: não existindo (no momento em que se realizou o trabalho prático) traduções para português da obra completa dos Irmãos Grimm, a escolha ficou limitada pelas hipóteses de escolha dos contos, pela qualidade da tradução (muitas das traduções portuguesas são traduzidas não a partir do alemão, mas do francês ou inglês), pela falta de rigor das edições na indicação da existência ou não de adaptação e ainda pelo facto de querermos usar edições para crianças, ilustradas, já que a ilustração, em alguns casos, também foi alvo de reflexão. Assim, temos consciência que de algumas versões apresentadas às crianças, pela filtragem sucessiva, podem ter desaparecido algumas dimensões das versões alemãs recolhidas pelos Irmãos Grimm no séc. XIX.

Surgiram entretanto, entre março e maio de 2012, os três volumes coordenados por Francisco Vaz da Silva, Irmãos Grimm, *Contos da Infância e do Lar* (Primeira versão integral), mas já não a tempo de usarmos essas traduções.

¹ Agradeço às alunas Diana Brito, Luísa Antunes e Natércia Antunes a colaboração na recolha de dados, no âmbito da Prática Supervisionada do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino no 1º Ciclo do Ensino Básico.

Não sendo o nosso estudo de carácter etimológico nem filológico, pensamos que o essencial das versões recolhidas pelos Irmãos Grimm se mantém nas traduções usadas, ao nível dos comportamentos das personagens e valores transmitidos.

A escolha recaiu sobre 5 contos que integram os volumes I e II da coleção da Editora Civilização, *Os Mais Belos Contos de Grimm* (1992), com ilustrações de Alexander Koshkin; um conto do volume *Os melhores contos dos Irmãos Grimm*, da editora Everest (2007), com ilustrações de Anastassija Archipowa (edição que assume o trabalho de “adaptação” por Arnica Esterl) e ainda *Schneewittchen*, edição alemã de 2011, com ilustrações de Momo Takano. Esta edição foi trabalhada com base numa tradução livre de uma portuguesa nascida na Alemanha².

O estudo abrangeu um grupo de 25 crianças do 4º ano de escolaridade e um grupo de 18 crianças de uma outra escola, do 3º ano de escolaridade, durante o 2º período do ano letivo 2011-2012. São crianças que frequentam escolas públicas na cidade de Castelo Branco (cidade do interior do país). Houve alguma oscilação no número de materiais produzidos pelas crianças do 4º ano e que se conseguiram recolher a propósito de cada conto, fator com o qual não contávamos (já que alguns trabalhos foram feitos em casa e não na aula e o retorno nunca era de 100%), o que nos limita a possibilidade de cruzar alguns dados.

O grupo do 4º ano trabalhou os seguintes contos dos Irmãos Grimm: “O Príncipe Sapo”, “Irmão e Irmã”, “A Casa da Floresta”, “Rosa Branca e Rosa Vermelha”, “Os sapatos rotos no Baile” e “Branca de Neve”; o grupo do 3º ano trabalhou os contos “Rapunzel” e “Branca de Neve”.

O principal objetivo deste trabalho é detetar padrões de comportamento e a reação das crianças a esses padrões transmitidos pelos Contos dos Irmãos Grimm, entre eles, em particular, o uso da *magia* associado às *metamorfoses*, e tentar perceber que visão do mundo, mais ou menos conformista ou contestatária, elas revelam ao pronunciarem-se sobre estes textos.

Francisco Vaz da Silva aborda essencialmente a questão da metamorfose no seu livro *Metamorphosis. The Dynamics of symbolism in european fairy tales* (2002), no entanto, como só nos foi possível ter acesso a ele numa fase posterior ao trabalho empírico, algumas vertentes de análise, por ele referidas, que poderíamos ter rentabilizado, não foram contempladas.

A análise não pretende caracterizar ou definir, generalizando, a reação das crianças da sociedade contemporânea – a amostra não é suficientemente significativa e além disso a nossa análise pretende ser mais de carácter qualitativo do que quantitativo. Compreender tendências na análise dos comportamentos, as relações entre as personagens, questionar as transformações dessas relações e a forma como acontecem e ainda os papéis que as personagens femininas e masculinas têm nessa dinâmica é algo fundamental para crianças que estão em plena fase de aprendizagem de modelos de comportamento.

² Agradecemos à Carla Ponte o trabalho de tradução.

Estando a maior parte das crianças de 8-9 anos na fase operatório-concreta (elas são capazes de relacionar o mundo concreto com um raciocínio abstrato e conseguem procurar soluções a partir de hipóteses), segundo Piaget, e num estágio de raciocínio de moralidade convencional, segundo Kohlberg (Lourenço, 2006), é fundamental confrontá-las com situações problemáticas para as ajudar a descentrar de si próprias e a desenvolver raciocínio crítico.

Começando pelo conto “O Príncipe Sapo”, depois da leitura do texto em sala de aula e de se discutir o comportamento da princesa em relação ao sapo, foi solicitado às crianças que desenvolvessem um pequeno texto sob o mote “E com o sapo na mão, a princesa decidiu...”.

Verificou-se que predomina o padrão de comportamento de rejeição do sapo, ou seja mantém-se a dificuldade de ultrapassar a rejeição pela diferença e a solução é tendencialmente violenta: a maioria das crianças opta por atirá-lo pela janela, contra um móvel ou dar-lhe um pontapé. O sapo transforma-se em diferentes seres – um príncipe, mas também um unicórnio, um gigante, um cavalo, um empregado, um cavaleiro e só depois é aceite.

No entanto, quatro crianças (três do sexo feminino e uma do sexo masculino), relacionam-se com o sapo aceitando-o como ele é, sem necessidade de metamorfose. Destas quatro, duas meninas aceitam beijá-lo, uma desenvolve com ele uma relação de amizade, centrada no brincar e não na relação sexual e um rapaz considera que não importa a beleza mas o bom coração – a princesa pega na caixa de maquilhagem, o sapo transforma-se antes em príncipe e foge. É a princesa que o procura – ou seja, ultrapassa-se o modelo da figura feminina passiva que é escolhida.

Colocar as crianças, a partir dos contos, perante situações que elas próprias teriam de resolver é uma forma de promover o desenvolvimento moral e social:

(...) A capacidade de implicação numa acção moral é mais complexa do que o mero conhecimento em abstracto de “valores”. Esta habilidade requer a capacidade para compreender que uma situação é moralmente relevante, ou seja, que há diferentes opções para agir e que estas têm diferentes consequências para as outras pessoas envolvidas na situação. Por isso, a capacidade básica consiste em ter em conta a perspectiva dos outros e, neste contexto, ideias como autonomia, respeito pelos outros, responsabilidade, igualdade, tolerância, justiça, democracia, etc., tornam-se relevantes (...). Estas capacidades não são tanto o resultado de uma educação que parte dos professores, mas de inúmeras influências do processo de socialização, estimulado, além disso, de acordo com as teorias sobre o desenvolvimento do indivíduo de Jean Piaget e de Lawrence Kohlberg, depende fortemente do meio social (Duque, 2006).

O mais interessante é verificar que, no debate sobre o conto, várias crianças consideraram que a princesa foi má ao atirar o sapo à parede, e criticaram-na porque “O prometido é devido”, mas nas suas próprias recriações da história mantiveram a atitude de agressão para com o animal, podendo retirar-se a ilusão de que o que as sensibiliza, no contexto diegético, é o fascínio da metamorfose, que se sobrepõe à violência da atitude que a provoca.

A propósito do conto “Irmão e Irmã”, foi solicitado às crianças que escrevessem uma história onde entrassem as mesmas personagens mas introduzindo outras metamorfoses e soluções diferentes.

Só 14 crianças terminaram a atividade, mas dessas apenas quatro introduziram o príncipe na história. As metamorfoses são todas idênticas, através da comida, mas são, quase sempre, os dois irmãos sozinhos que resolvem o problema; num dos casos foi o pai, que era muito esperto e fez ele próprio uma poção mágica, e num dos casos, são os dois irmãos que ganham poderes mágicos porque, por descuido, um cientista deixa cair no gelado deles uma poção especial. Ficam fortes, conseguem voar e não recuperam o seu anterior estatuto porque protegem a cidade até ao fim das suas vidas – não há, portanto, retorno à situação inicial. É o único caso em que vemos o indivíduo ao serviço do bem comum. Mas é importante anotar que esta é uma das soluções entre as várias propostas pelo grupo.

O conto “Branca de Neve”, tendo sido trabalhado num contexto em que o conceito de metamorfose se articulou, na sala de aula, com outras metamorfoses da natureza ou de vivências do dia a dia, levou a que o imaginário das crianças ficasse condicionado por situações muito pragmáticas. O objetivo era perceber como o conceito de metamorfose, presente nestes contos através da magia, também está presente na vida do dia a dia das crianças. Ao ser-lhes pedido que referissem outras metamorfoses, apresentaram exemplos que podemos categorizar em:

- 1 Situações pragmáticas do dia a dia (da dimensão exterior apenas e voluntárias) – ex: “De manhã transformei o meu corpo com um pijama num corpo com roupa normal”; “A minha folha estava vazia, escrevi nela e já tinha coisas”, “No dia de carnaval eu transformei-me em palhaço”.
- 2 Mudanças de estado ou forma – ex: “Transformei a pasta dos dentes em espuma, a água em vapor, a terra em lama, ...”
- 3 Mudanças ligadas à temperatura, à cor, o que não corresponde de forma evidente ao conceito de metamorfose – ex: “Quando aquecemos o açúcar ele transforma-se em caramelo de cor castanho escuro”; “Quando o meu pai foi assar castanhas ficaram pretas porque se queimaram”.
- 4 Situações virtuais – ex: “Fui para o facebook, tinha 30 notificações, daí a bocado estava vazio”;
- 5 Transformações a que chamamos criativas – ex: “quando estou feliz gosto de transformar uma poesia numa canção (...). Plantei um bolbo e nasceu um belo jasmim (...). Plantei uma semente e lá nasceu uma bela macieira.”

As crianças passaram de um universo mágico para um universo pragmático através deste conceito sem que isso lhes tivesse causado qualquer estranheza, o que parece comprovar que os contos tradicionais, mesmo trazendo até elas um universo imaginário bem afastado da sua realidade não são alvo de rejeição. As polémicas contínuas sobre o desajuste das situações vividas pelas personagens destes contos em relação à vivência contemporânea não parecem ser

suficientemente fundamentadas. O que se pretende é que a magia não surja às crianças do séc. XXI como a forma única de resolver problemas, apelando a uma atitude de passividade, mas na verdade, na maioria das vezes verificamos que as crianças, não se afastando muito das estruturas típicas, encontram no final soluções mais autônomas.

Depois de lerem o conto “Os sapatos rotos no baile”, os alunos foram questionados sobre como se sentiriam se fossem uma das doze princesas trancadas no quarto pelo rei. Não se manifestaram muito preocupados com isso, dizendo que se divertiam a ver televisão, a fazer jogos no computador, a jogar “o macaquinho do chinês” e além disso, se tinham a tal passagem secreta para irem ter com os seus príncipes e ir ao baile era mais uma forma de se divertirem. Apenas uma das raparigas disse que não gostaria porque não tinha liberdade para sair do quarto quando lhe apetecesse. Incentivados a problematizar esta situação, na sequência da resposta da colega, 12 crianças apoiaram as princesas porque se precisassem de algo estavam fechadas e as outras 12 apoiaram o rei porque as princesas fizeram asneiras e o rei fechava-as no quarto para as proteger, porque se preocupava com elas.

Quanto ao soldado, 17 arriscavam a vida sobretudo por 3 razões: a coragem, a recompensa, a conquista de respeito (portanto, reconhecimento social).

No que diz respeito ao final, apesar de haver *nuances* nos juízos de valor sobre a atitude do rei, foi unânime a opinião de que o importante era o soldado ser recompensado, ainda que isso significasse não dar liberdade de escolha à princesa cuja mão lhe foi oferecida em casamento.

Depois da discussão (orientada) entre as crianças, tendo em vista a problematização destas soluções, foi-lhes proposto que escrevessem um texto colocando-se no papel de uma das personagens: “Se eu fosse o rei...”, “Se eu fosse uma das doze princesas...”, “Se eu fosse o soldado...”. A maioria continua a reproduzir os comportamentos apresentados no conto dos Irmãos Grimm. Nalguns casos, o rei é ainda mais duro (“Atava as princesas às camas”); nestes textos das crianças, só duas princesas decidem fugir pela janela (uma delas explicita que se iria encontrar com o príncipe) e uma outra decide contar tudo ao rei porque ele, “como pai que era”, acabaria por compreender – as três crianças que propõem estas soluções são todas do sexo feminino.

No dia em que foi trabalhado o conto, “Os sapatos rotos no baile” (o último dos seis contos analisados) foi apresentado um questionário na aula (das 25 crianças só 1 não estava presente) tentando detetar conhecimentos prévios deste tipo de textos, perceção das crianças sobre a existência de estereótipos nos contos, interesse contemporâneo e capacidade de aceitar a diferença, tendo em conta as situações apresentadas nos contos e problematizadas na abordagem feita.

Das 24, só quatro responderam que ainda não tinham ouvido histórias deste tipo; só uma considerou que estas histórias não têm interesse no presente nem para o futuro; também só uma parece perceber que a representação dos papéis femininos e masculinos é diferente; no entanto, cinco respondem

que há estereótipos de grupos e pessoas; três crianças assumem que não conseguem perceber os hábitos e atitudes diferentes dos seus, que estes contos apresentam.

Também três crianças, só uma delas coincidente com as da resposta anterior, revelam ter consciência que estes contos não promovem imagens positivas de tradições, pessoas e grupos diferentes, assumindo, portanto, apenas um olhar parcial sobre os grupos sociais ou personagens em causa. Todas revelaram perceber a problemática complexa da conquista da autonomia porque todas responderam que as personagens dos contos são capazes de tomar decisões acerca da sua própria vida – ora, apesar da ideia generalizada sobre o conformismo das personagens dos contos tradicionais, na verdade, em seis dos textos que estas crianças leram nas aulas as personagens não podiam fazer o que desejavam mas lutaram pelos seus objetivos; apenas Branca de Neve é uma personagem passiva (e em “Rapunzel”, conto lido pelo grupo do 3º ano, esta parece não ser muito inteligente, já que é ela que fala à bruxa sobre o príncipe, denunciando-se a si própria, mas, por outro lado, ela tem a coragem de desafiar a autoridade da bruxa).

Quase dois meses depois da última intervenção na turma, fez-se uma sessão para detetar o que as crianças tinham retido do trabalho sobre estes textos ao longo dos três meses em que tinham sido integrados nas leituras de sala de aula (entre janeiro e março de 2012). Os livros foram levados para a aula de novo e as crianças tiveram hipótese de rever as ilustrações.

As perguntas eram as seguintes:

- 1 Nas aulas lemos seis contos dos Irmãos Grimm. Lembras-te de alguma coisa comum a todos?
- 2 Dos contos apresentados qual o que mais gostaste e porquê?
- 3 De todos os contos apresentados, qual foi a personagem que gostaste mais e porquê?
- 4 De todos os contos apresentados, qual foi a transformação que gostaste mais e porquê?
- 5 Quais as ilustrações que mais gostaste e porquê?

À pergunta sobre o que havia de comum entre todos os contos, 14 alunos destacaram as transformações, 2 referiram a magia, o que pensamos que se pode assimilar à resposta anterior; uma outra criança indica a “transformação” especificamente no conto “Branca de Neve”, a propósito da bruxa e do uso do veneno, pelo que podemos considerar que para 17 das crianças do grupo a dimensão da metamorfose nestes contos ficou bem clara. As outras 7 respostas referem princesas, irmãos, ou que o aspeto comum das histórias é serem divertidas ou parecidas, por exemplo por terem princesas.

O conto que claramente mais as atraiu foi “Irmão e Irmã” (9 preferências), porque tem mais emoção, aventura, e sobretudo porque essa preferência se baseia também nas respostas às perguntas 3 e 4: de todas as personagens dos contos preferem a irmã que surge nesta história porque protegia o irmão; e de

todas as metamorfoses a que mais gostaram foi a transformação do irmão em veado, pelo facto de ser um animal que gostam muito e que referem frequentemente como “Bambi”.

“Os sapatos rotos no baile” têm a 2ª preferência (5 respostas) sobretudo pelo secretismo que envolve e “porque os homens eram muito corajosos”, entre outras razões.

“O Príncipe Sapo” e a “Branca de Neve” ficam em pé de igualdade nas preferências (4 escolhas cada). As razões sobre a “Branca de Neve” serão referidas mais à frente porque se relacionam sobretudo com a ilustração. No caso do “Príncipe Sapo”, acham a transformação divertida e continuam a ser mais sensíveis à dimensão mágica do que ao sofrimento do animal; duas das crianças explicitam mesmo que o facto de a princesa “atirar o sapo à parede” foi o que as levou a considerar o conto mais interessante. No entanto, na escolha das personagens, 3 crianças escolhem esta porque depois se arrependeu e 3 escolhem o sapo porque lutou pela princesa e se transformou em príncipe, depreendendo-se que demonstrou que vale a pena ser persistente. E quanto à transformação preferida, a do sapo em príncipe rivaliza com a do irmão em veado, sobretudo porque a transformação em príncipe é considerada romântica e porque foi uma compensação para o sapo já que ele estava a sofrer muito.

Em relação à Branca de Neve, como personagem ela obtém tantas preferências como a irmã do conto “Irmão e Irmã” porque limpou a casa, ajudou os anões, fez o jantar e o almoço, é simpática, tímida e boa.

A clara preferência por estas duas personagens femininas demonstra como estas crianças de 9 e 10 anos valorizam a proteção, o amor e carinho, mas também associam à figura feminina o cumprimento de tarefas domésticas claramente estereotipadas e habituais nos papéis sociais femininos, representados nestes contos. Ainda que as suas experiências de vida (com mães que trabalham fora de casa ou pais que ajudem nas lides domésticas) seja diferente, a matriz tradicional está claramente assimilada pelas crianças, nem que seja como representação simbólica.

Os contos “Rosa Branca e Rosa Vermelha” e “A casa da floresta” apenas registam 1 preferência cada; quanto às personagens, não há preferências significativas mas quanto às transformações, destacam a do urso num príncipe, neste caso pelo contraste entre a ferocidade de um urso e a, certamente imaginada, delicadeza de um príncipe, e salientam a transformação da casa velha num palácio.

Terminando a análise da preferência pelas personagens, referiram, de “Rosa Branca e Rosa Vermelha” a menina Rosa Vermelha por ser muito bela e o urso porque “gosto de ursos” e de “Os sapatos rotos no baile”, o rei, pela persistência (“fazia tudo o que fosse preciso para descobrir o segredo das princesas”), e o soldado porque foi corajoso e ficou invisível.

Passando à última dimensão sobre a qual as crianças foram questionadas, a ilustração, estávamos um pouco expectantes quanto à reação das crianças, dado que as imagens que acompanhavam um dos contos eram muito dife-

rentes das outras, remetendo para um tipo de imaginário pouco comum nas ilustrações da maior parte das edições de contos tradicionais.

As ilustrações de Alexander Koshkin acompanhavam os contos “O Príncipe Sapo”, “Irmão e Irmã”, “Rosa Branca e Rosa Vermelha” e “Os sapatos rotos no baile”; Anastassija Archipowa ilustra “A casa da floresta” e Momo Takano, “Branca de Neve”, numa edição alemã, “Schneewittchen”.

As ilustrações de Koshkin e Archipowa ficam em pé de igualdade em preferências reduzidas em relação a 5 dos contos, num total de 9 crianças, que destacam, de forma genérica, as cores vivas, serem alegres, e serem “realistas”, caracterização que não nos parece muito clara mas que talvez se possa explicar por oposição ao que dizem sobre as ilustrações de Momo Takano, como veremos.

A título de exemplo, apresentam-se duas ilustrações de Alexander Koshkin e duas de Anastassija Archipowa:



Figura 1: Alexander Koshkin, “Os sapatos rotos no baile”

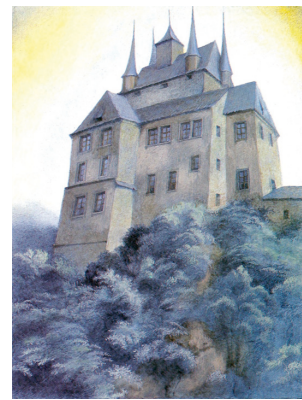


Figura 2: Anastassija Archipowa, “A casa da floresta”



Figura 3: Anastassija Archipowa, “A casa da floresta”

A ilustração de Alexander Koshkin para “Irmão e Irmã” conquista 6 preferências, mas como não são dadas explicações diferentes das apresentadas para os outros contos, pensamos que há uma associação entre a preferência pelo conteúdo e a ilustração.

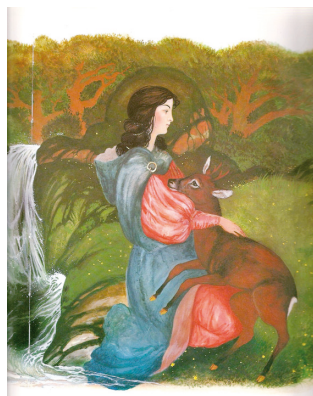


Figura 4 – Alexander Koshkin, “Irmão e Irmã”

Nove alunos preferem claramente as ilustrações de Momo Takano. Também referem as cores, mas são sobretudo sensíveis ao facto de serem ilustrações diferentes do habitual, dizem que é “um desenho novo”, e logo na 1ª pergunta, uma das crianças diz que gosta mais desta história porque “as personagens são estranhas e diferentes” e gosta porque “a bruxa tem a cauda de um peixe na cabeça” – ou seja esta criança estabelece a sua preferência logo com base na sensibilidade à literacia da ilustração.

Portanto, as ilustrações de Alexander Koshkin e Anastassija Archipowa recolhem 15 preferências contra as de Momo Takano que recolhem apenas 9 preferências.

Deixámos intencionalmente o trabalho a partir do livro “Schneewittchen” para uma das aulas finais precisamente para o efeito surpresa da ilustração, já que os outros dois ilustradores se enquadram em matrizes gráficas mais comuns nos livros a que estes alunos têm acesso. O resultado demonstra-nos que as crianças estão abertas à inovação mas que é necessário expô-las com mais frequência a experiências estéticas mais variadas e inovadoras, ensinando-as a ler outras representações plásticas e gráficas que podem ser mais exigentes do que aquelas que elas designam por “realistas”, depreendendo-se, nestes casos, que isso significa “mais fáceis de descodificar” por corresponderem aos padrões estéticos a que estão habituadas.

A primeira reação às ilustrações de Momo Takano foi sobretudo de estranheza. Consideraram-nas “esquisitas, feias, estranhas”. Só depois de serem analisadas em conjunto com as formandas conseguiram interpretá-las.



Figura 5 – Momo Takano, "Schneewittchen" ("Branca de Neve")



Figura 6 – Momo Takano, "Schneewittchen" ("Branca de Neve")

Parece-nos que, independentemente da sensibilidade estética a este estilo particular, esta reação demonstra como é necessário diversificar os estilos artísticos com que a escola confronta a criança, de forma a abrir-lhe horizontes estéticos mais ricos, abertos e menos lineares – a literacia da imagem é cada vez mais fundamental.

Os alunos do 3º ano de escolaridade que leram e comentaram este conto na sala de aula (um grupo de 18), foram sobretudo levados a problematizar os comportamentos da Branca de Neve, dos anões e do príncipe. Foram sensíveis à ilustração que levou vários a justificar a vaidade da rainha pela forma como se veste e pelo facto de até ter um chapéu com a forma da cauda de um peixe.

Quanto a outros aspetos que poderiam preocupar a rainha, salientam sobretudo o trabalho, a preocupação com o povo e com os animais e só depois vem a preocupação com o rei e com a Branca de Neve. No entanto, há uma criança que destaca que “ser amiga da Branca de Neve é muito importante porque as mães e as madrastas são amigas das crianças” e que ela até lhe podia comprar jóias para se aproximarem mais – revelando, assim, que não faz um juízo de valor baseada no estereótipo dos contos tradicionais, onde a madrasta é sempre uma personagem malvada. Também quase todas as crianças dizem que se defendiam do caçador, que o empurravam e fugiam, que lhe davam com um pau na cabeça, uma delas explicita que “trincava-lhe a perna, depois dava-lhe murros no nariz, saltava para cima dele com os pés e no final dava-lhe um murro na barriga”. Só 4 das 18 crianças dizem que reagiam como a Branca de Neve, apenas pedindo para ele não as matar (eventualmente, o facto de se tratar de um conto com final feliz tê-las-á levado a esta reação mais passiva, sem se desvincularem do comportamento padrão de vítima indefesa).

Perante a questão: “Os anões disseram à Branca de Neve que poderia viver com eles se cuidasse da casa, cozinhasse e limpasse. O que pensas da proposta que os anões fizeram à menina?”, todos a consideraram justa porque era uma troca, em relação à proteção que os anões lhe davam; uma das crianças

assume até que ela gostava de cozinhar e limpar; há apenas uma criança, do sexo feminino, que discorda, considerando que “é uma chantagem porque tinha de fazer coisas para sete pessoas”.

Todas as crianças consideram que nunca se deixariam enganar segunda vez pela rainha má e a forma de a castigarem passa essencialmente pela solução mais pragmática, na sociedade organizada da atualidade – chamar a polícia (9 respostas). Não sendo muito original nem particularmente corajosa, revela a facilidade com que as crianças desta idade interligam o universo da fantasia com o real, interligam mundos fictícios com o mundo real, sem qualquer estranheza. No entanto, algumas optam por soluções que já conhecem de outros contos, como empurrá-la para a lareira ou uma solução mais pragmática, talvez menos violenta mas bastante humilhante para uma rainha: “Passava-lhe uma rasteira e ia parar ao caixote do lixo”.

Muito interessante é verificar que das 18 crianças só duas (um rapaz e uma rapariga) não acham bem que o príncipe dê um beijo à princesa quando ela está inconsciente porque ela podia não gostar dele; todas as outras consideram que ele teve a atitude correta porque estava apaixonado ou porque a salvou.

A reação e justificação é idêntica na resposta à pergunta “Se tu fosses a Branca de Neve irias com o príncipe assim que acordasses?”: também só duas (um rapaz e uma rapariga, mas não coincidentes com os da resposta anterior) respondem: “Não porque eu não o conhecia”; as outras 16 fariam o mesmo que a Branca de Neve ou porque estavam também apaixonadas, ou porque ele as tinha salvado ou pelas duas razões. Uma menina explicita: “Sim porque sempre gostei de ter um príncipe na minha frente”, ou seja, o imaginário dos contos de fadas é mais forte do que qualquer desconstrução contemporânea do maravilhoso associado a papéis cristalizados socialmente ao nível dos comportamentos femininos e masculinos.

Em relação ao conto “Rapunzel”, destas 18 apenas 14 responderam a um questionário sobre o que pensavam em relação aos comportamentos das personagens. Nenhuma associa o facto de a bruxa só ter encerrado a menina na torre aos doze anos à questão da sexualidade, referem todas que é por ser muito bela; se bem que duas comentem que a bruxa não quer que ela case.

Só 3 crianças consideram que a menina percebeu que quem a chamava era um rapaz e não a bruxa e só 4 dizem que deixariam subir o príncipe, justificando uma delas com o facto de ser uma forma de ter ajuda para sair da torre. As outras dizem que não o deixariam subir à torre pela sua trança porque era um desconhecido. A noção de perigo perante os estranhos domina as decisões das crianças mais do que o desejo de aventura, de liberdade ou de paixão. No entanto, todas elas interpretam o facto de as lágrimas da menina curarem a cegueira do rapaz porque eram lágrimas de amor – o que revela que estão atentas à dimensão romântica da história.

Rapunzel é considerada valente por razões opostas: porque enganou a bruxa e porque conseguiu suportar tudo o que esta lhe exigia. Uma criança considera-a medrosa precisamente por esta razão: ter deixado a bruxa fazer o que queria.

Perante a pergunta: “Pensas que as mulheres, hoje em dia, teriam uma atitude diferente da de Rapunzel?”, as respostas são muito idênticas. Uma criança responde que teria medo, mas todas as outras dizem que enfrentavam a bruxa, gritavam, batiam e uma delas refere concretamente que diria: “Larga o meu cabelo longo ou dou-te com uma frigideira na cabeça!”; várias referem que chamavam a polícia – de novo, como em relação aos problemas enfrentados pela Branca de Neve, a solução é procurada não através das suas próprias ações mas socorrendo-se das estruturas sociais de segurança organizada na sociedade contemporânea. Revelando um raciocínio enquadrado no cumprimento de regras, o que é normal nesta idade, leva-nos no entanto a questionar se a escola e a família não estarão a “formatar” excessivamente estas crianças para um funcionamento social regrado mas pouco ativo, remetendo a procura de soluções para as instituições e não para o indivíduo, sendo pouco criativas nas soluções propostas, apesar de toda a magia que os contos lhes apresentam.

A questão da justiça e o cumprimento da palavra dada é para elas fulcral. Onde se encontram conceções diferentes é na reação mais ativa das personagens perante a malvadez a que os mais frágeis estão sujeitos.

Conclusões

Concluimos, perante a reação de crianças entre os 8 e os 10 anos, a estes sete contos dos Irmãos Grimm, que nesta fase elas aderem espontaneamente e intensamente a estas histórias. Elas transmitem-lhes modelos de comportamentos que mesmo sendo questionáveis à luz de teorias atuais de promoção de um desenvolvimento moral crítico e de responsabilidade social, são modelos que nesta fase de desenvolvimento lhes transmitem segurança por haver quem proteja ou quem cuide face aos perigos a que as personagens mais frágeis estão sujeitas – o que se aproxima do tipo de raciocínio moral e de relações afetivas e socializantes que Kohlberg identifica nesta idade (Lourenço, 2006).

Por isso também, apesar das problematizações dos comportamentos das personagens, que tentámos promover nos debates com as crianças, elas não se afastam, geralmente, da valorização tradicional das representações dos papéis sociais ao nível do género e do poder. No entanto, algumas, como pudemos testemunhar, conseguem refletir a um nível mais questionador e apresentar soluções menos conformistas.

Não analisamos mais pormenorizadamente a questão das etapas de desenvolvimento moral porque não foi esse o objetivo principal que nos propusemos mas sim o de analisar sobretudo a adesão ou não das crianças ao universo maravilhoso dos contos e a sua identificação com os papéis representados por personagens masculinas e femininas.

O entusiasmo manifestado em relação ao universo dos contos, revela, assim, que a dessincronia epocal e das referências socioculturais não parecem afetar o interesse das crianças do séc. XXI por este tipo de contos, em particular, neste caso, pelos contos dos Irmãos Grimm.

Referências

- Duque, C. (2006). *Desenvolvimento Moral: perspectiva de Kohlberg*. Acedido em in <http://pt.scribd.com/doc/2437365/Desenvolvimento-Moral-Kolberg>.
- Grimm, Irmãos (2012). *Contos da Infância e do Lar* (1ª ed. Integral) (Coord. Silva, F.V.). Lisboa: Temas e Debates/ Círculo de Leitores. Vol. I, II, III.
- Grimm, B. (2011). *Schneewittchen* (Il. Momo Takano). Bargteheide: Michael Neugebauer Edition.
- (1992). *Os Mais Belos Contos de Grimm*. Porto: Editora Civilização.
- (2007). *Os Melhores Contos dos Irmãos Grimm*. Rio de Mouro: Everest Editora, Lda.
- Lourenço, O. M. (2006). *Psicologia do Desenvolvimento moral. Teoria, dados e implicações*. Coimbra: Almedina.
- Silva, F. V. da (2002). *Metamorphosis, The Dynamics of symbolism in European fairy tales*. New York: Peter Lang Publishing.

OCNOS

120